



# Dos Açores à Rússia, a volta ao mundo nas ficções do real

Uma competição de primeira água no Porto/Post/Doc.

**E**, chegados a Novembro, na sequência da presença cada vez mais significativa dos “cinemas do real” nos festivais de categoria A como Berlim, Cannes ou Locarno, depois do panorama exaustivo do Doclisboa, como é possível que a competição internacional do Porto/Post/Doc ainda nos traga surpresas e grandes filmes? Não estamos apenas a ser retóricos; se é verdade que o documentário é hoje um dos territórios mais fervilhantes do cinema moderno, a equipa de programação do ainda jovem festival portuense continua a encontrar pérolas a cada canto, mesmo que isso implique entrar pelos terrenos esquivos das “ficções do real”. *A Family Tour*, de Ying Liang (Trindade, dia 26, 18h45, e Rivoli, dia 28, 18h00), é um exemplo disso: é uma narrativa que ficciona a experiência do seu realizador, exilado em Hong Kong depois da perseguição de que foi alvo por parte das autoridades chinesas, e o reencontro possível com a família que ficou para trás.

É um dos 14 filmes escalados para a maior competição do festival até agora – o que se deve, segundo a organização, pela vontade de ter duas longas portuguesas a concurso. Que são dois filmes frágeis, delicados. Um já o conhecemos de Locarno: *Sobre Tudo, Sobre Nada*, diário de uma década na vida de Dídio Pestana, engenheiro de som, músico, viajante (Trindade, dia 28, 21h45, e Rivoli, dia 30, 16h). O outro é uma estreia – *Hálito Azul*, a mais recente aventura de Rodrigo Arelais, aqui explorando a povoação açoriana de Ribeira Quente inspirado por Raul Brandão (Trindade, dia 25, 21h45, e

Rivoli, dia 29, 16h). A fragilidade do filme de Pestana vem do olhar a nu sobre uma década da sua vida; a de *Hálito Azul* vem da indefinição do projecto, na sua essência um documentário sobre a Ribeira Quente com “interferências” narrativas, mais conseguido na vertente documental do quotidiano insular, menos convincente nas incrustações encenadas.

É também isso que o americano Robert Greene atinge num dos melhores títulos da competição e, diríamos mesmo, do ano cinematográfico. Depois de *Kate Plays Christine*, premiado pelo IndieLisboa em 2016, *Bisbee '17* (Trindade, dia 25, 18h45, e Rivoli, dia 27, 18h) prolonga o interesse de Greene pelas fronteiras esquivas entre o real e o fabricado. Em 1917, a cidade mineira de Bisbee, no Arizona, foi local da deportação de um milhar de mineiros, em greve pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho. Cem anos depois, com a mina já fechada, uma comissão de residentes decide marcar o centenário do evento. Acompanhando a preparação das comemorações e registando as reconstituições históricas, *Bisbee '17* concebe-se como uma meditação à volta da noção de comunidade por relação com o seu contexto social – a família que descobre que teve os dois irmãos patriarcas de lados opostos da barricada, os registos que revelam como a maioria dos mineiros deportados era imigrante, uma América que não nasceu com Trump mas já existia em 1917.

São vários os filmes da competição que tocam nas questões da imigração e da comunidade. O brasileiro Karim Ainouz trata-a em *Central Airport* (Trindade, dia 27, 21h45, e Rivoli, dia 29, 18h): o aeroporto berlinense de Tempelhof, por onde passaram Hitler e a ponte aérea de Berlim, é hoje um centro de acolhimento para refugiados, comunidade à parte dentro de uma comunidade. Em *Obscuro Barroco* (Trindade, dia 25, 17h, e Rivoli, dia 29, 14h30), a grega Evangelia Kranioti percorre o Rio de Janeiro através dos olhos da artista e activista transgénero Luana Muniz (falecida após a rodagem do filme) e das palavras de Clarice Lispector, numa exploração das comunidades marginais através da capacidade de reinvenção e luta dos cariocas. E o galego Eloy Domínguez Serén foi a um campo de refugiados no deserto do Saara filmar *Hamada* (Trindade, dia 25, 15h, e Rivoli, dia

1, 16h): o quotidiano de três jovens *sahrawis* presos no meio de nada. Filmar a vida num campo de refugiados pode rapidamente cair num retrato bem-intencionado mas miserabilista ou no panfleto activista; Serén não cai em nenhuma dessas armadilhas, mesmo que não escamoteie a pobreza a que os *sahrawis* foram condenados pelo seu estatuto quase apátrida. *Hamada* constrói-se à volta de uma coisa tão quotidiana como um carro, símbolo de uma liberdade que os jovens teimam em procurar, aprendendo a guiar, arranjando carros, procurando emprego ou tentando emigrar.

Numa competição tão inesgotável, ter-se-á que falar de *Putin's Witnesses* (Rivoli, dia 26, 18h, e Trindade, dia 30, 21h45). Vitaly Mansky, exilado na Letónia desde 2014, mergulha nos seus arquivos para redescobrir imagens do ano 2000 - ano I da era Putin. E que imagens: filmadas durante um período em que Mansky fez perfis televisivos de Yeltsin, Gorbachev e Putin, só agora mostradas revelam o momento em que a Rússia mudou sem que o notássemos, com algo de profético do que aconteceria nos vinte anos entretanto decorridos. *Putin's Witnesses* é também um *mea culpa* de Mansky através de uma voz *off* que questiona a sua convicção daqueles tempos, testemunha cujo estatuto neutral de observador se transformou em cúmplice da ascensão do presidente russo.

Se Vitaly Mansky fala de 2000, Sergei Loznitsa fala de 2018 e das consequências da ascensão de Putin em *Donbass* (Rivoli, dia 26, 21h30, e Trindade, dia 29, 18h45), filme-gémeo da via sacra *Uma Mulher Doce* mas também da sua obra-prima documental *Austerlitz*. Inspirado pelas “repúblicas populares” pró-russas da Crimeia e pela manipulação mediática russa, é uma sucessão progressivamente mais desconfortável de episódios aparentemente desligados entre si, de um absurdo desesperado tornado em humor escarninho e negríssimo, entre Roy Andersson e Franz Kafka. É um retrato de uma realidade desintegrada, onde tudo é verdadeiro e falso e se torna impossível fazer a distinção, com o virtuosismo formal e a lucidez alucinada que reconhecemos ao bielorusso. É coisa para deixar o espectador sem fé na humanidade, mas é também o filme ideal para falar de “ficções do real” num tempo em que o real parece, ele próprio, uma ficção. **J. M.**



**Bisbee '17**, de Robert Greene, e **Obscuro Barroco**, de Evangelia Kranioti